

## Gravura no Dólar

Desde 1963 consta em todos os *greenbacks* [as cédulas verdes do dólar norteamericano] “in God we trust” [em Deus nós confiamos]. Há quem se sinta lembrado do “Deus conosco” na fechadura do cinturão dos soldados do exército alemão nazista. De que deus é que se fala aqui? Por acaso, trata-se apenas da confiança no próprio dólar? Na confiança em sua potência cambial?

Em sua exegese dos Dez Mandamentos no Catecismo Maior, Lutero se pós a pergunta a ser levantada sempre primordialmente: o que significa “ter um deus” ou “o que é deus”?

Sua resposta inicia com uma fórmula oca amplíssima. Ela tanto engloba “Deus” como um “ídolo”: “ter um deus significa ter algo em que se põe toda a confiança, do qual se espera tudo de bom e no qual se refugia em qualquer emergência.”

Nesse sentido é completamente inevitável “ter um deus”. Cada ser humano, sem exceção, direciona sua confiança a alguma coisa. Não importa se a designa pela palavra “deus” ou doutra forma, se é religioso ou não-religioso.

Também as *greenbacks* encaixam-se nessa fórmula. Lutero escreve: “Quem tem dinheiro e bem, está sentado alegre e desassustado como se estivesse sentado em meio ao paraíso”. E também poder-se-ia mencionar um bocado de outras possibilidades em que se poderia confiar dessa maneira e assim realmente idolatrar: clientelismo, saúde, talento, carreira, poder político, investimentos e muitas outras coisas mais.

No entanto, pergunta-se se em tudo isso realmente trata-se do “único Deus verdadeiro” ou apenas de um ídolo. Como perceber a diferença?

A segunda parte da resposta de Lutero é: um deus que se tem que ter primeiro para depois confiar nele não pode ser o Deus verdadeiro. Pois na medida em que é retirado o ter, também a confiança cai. Vira desespero. Por isso não era a confiança verdadeira. Quem estava alegre e desassustado por causa de sua riqueza como se estivesse sentado em meio ao paraíso, reclama e lamenta-se quando o banco vai à falência e sua fortuna, de repente, desmanchou-se em nada como uma bola de sabão.

Perante o Deus verdadeiro, aqui ter e confiar não ficam desvinculados. Pois o único modo de tê-lo consiste na confiança nele. Aqui se trata de uma confiança que não depende de circunstâncias transitórias, mas que se garantem na vida e na morte.

A fé no Deus verdadeiro em Lutero é definida como *alternativa a toda forma de idolatração do mundo ou desespero diante do mundo*. Na fé se trata da libertação de ambos. O Deus verdadeiro não é parte do mundo; também não é um elemento da realidade toda. Ele transcende todo o compreender. Dele somente pode falar-se quando se reconhece que nada existe sem ele. Ele é poderoso em tudo, de tal maneira que nenhum poder é capaz de arrancar de um amparo doado por ele.

A fé nele consiste na confiança em tal amparo contra o qual nem mesmo a morte tem poder. De tal fé vive-se doutro modo do que quando se vive do medo por si próprio. Caso contrário, este é a raiz de toda desumanidade. Da fé emana um comportamento amável e benevolente diante de todas as demais criaturas.

Porém, nesse caso provavelmente tratar-se-á de outro Deus do que aquele referido nas cédulas do dólar. Ao menos, isso deveria ser avaliado. Nem tudo o que se denomina de “Deus”, é Deus.

PETER KNAUER